

POR IDICAMPOS

CONTOS EM
CONEXÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



AUTOR

IDICAMPOS

Copyright © por Idicampos

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização do
autor**

Obra protegida por direitos autorais

Ano: 2024

ISBN: 978-65-01-19144-7

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O CAPÍTULO DESEJADO

- [PREFÁCIO, PÁG. 04](#)
[CONVERSA DE COVEIRO, PÁG. 06](#)
[LOBISOMEN, PÁG. 09](#)
[CAMBALACHO, PÁG. 13](#)
[A REVOLTA DAS BACTÉRIAS, PÁG. 16](#)
[É DURO VER TUDO, PÁG. 19](#)
[CAI CEDO OU TARDE, PÁG. 22](#)
[AMOR À ÚLTIMA VISTA, PÁG. 26](#)
[VIAGEM SEM PASSAPORTE, PÁG. 29](#)
[O SOBREVIVENTE DO ABORTO, PÁG. 33](#)
[UM CONTRATEMPO, PÁG. 37](#)
[O PERCALÇO, PÁG. 41](#)
[SOBROU A GLICOSE, PÁG. 45](#)
[O PROFETA, PÁG. 48](#)
[DESLIZE OU VERTIGEM?, PÁG. 52](#)
[AS ASAS DA IMAGINAÇÃO, PÁG. 55](#)
[A GEOGRAFIA DO PLANETA, PÁG. 57](#)
[FILOSOFIA DE BAIANO, PÁG. 61](#)
[LIDA DE MENINA, PÁG. 64](#)
[O ESPELHO, PÁG. 67](#)
[SOBRE O AUTOR, PÁG. 73](#)



PREFÁCIO

UM TRANSGRESSOR AFAGANDO AO BEM DAS MUDANÇAS

Quando o poeta ou o contista Idicampos sai a campo leva consigo uma super lente capaz de enxergar as “varizes da aranha”, o “topete da formiga”, a conjunção alfabética detrás dos olhos, a camuflagem proposital dos patíbulo e, também, as essências invisíveis das metamorfoses entre instintos atávicos e vitais, neste transportar de emoções pelas vias do mais socializar.

Alguma ironia, algum desdenhar de mesmices com pitadas de acidez mas sobretudo (na lente) a crença no ser humano e em devaneios sem bloqueios.

Nisto o escritor Idicampos é convicto e assim amplia sua literatura. Como experimentalista em poética, absorvo-o em verossimilhança!

Moduan Matus

POR IDICAMPOS

CONTOS EM
CONEXÃO





POR IDICAMPOS

CONVERSA DE GOVEIRO

U i! Ui! Uiii... Ui! Ui! Uiii... Ui! Ui! Uiii...

Os moradores perdiam o sono, reféns dos gritos alucinantes, no início do dia, nas mediações do Cemitério da Solidão; lá as almas cansadas de Belford Roxo descansam...

O assunto tomou fôlego, quando o coveiro do cemitério iniciou a contação do caso, a origem dos sussurros matutinos.. Dizia o cavador de buracos:

— Reza a lenda de joelhos: a história dos gritos na alvorada!

Os defuntos tagarelam na madrugada, comentam distantes de nós, a trajetória de suas vidas, tendo os ouvidos atentos dos funcionários do cemitério como testemunha.

O ancião, aposentado no INSS, coveiro por vocação, trazia registrado na carteira de trabalho os trinta e cinco anos de exercício da profissão de coveiro.

O homem calejado das marcas de sepultamento relata os fatos, precisamente.

Os anos 70 (continua ele) começaram de botinas pretas, com os direitos individuais suprimidos no Brasil. Neste cenário surge Vigília, menina de pouca educação, protagonista do próprio prazer, feminista arretada; cruzou a língua com a totalidade da galera da “rua do meio”.

Naquela rua aconteceu parte significativa da história do hoje município de Belford Roxo, Baixada Fluminense, Estado do Rio de Janeiro.

Vigília Mendonça de Carvalho estampava uma beleza incomum, decorada por olhos tipo jabuticaba; exibia um corpo escultural, despertava o pecado — um atentado à moral— paraíso da imaginação da garotada na época.

A danada constituiu matrimônio com José Tarde, senador da república, político biônico, empossado pela ditadura militar, sem nenhum voto; fruto de interesses jamais revelados.

O velho senador da ARENA (Aliança Renovadora Nacional) estava mais pra lá do que pra cá, mas moralista, afirmava:

— Mulher é propriedade particular!

O Estado brasileiro durante quase duas décadas, os anos de chumbo, instituiu o bipartidarismo: contando com o MDB (Movimento Democrático Brasileiro), oposição e a ARENA, situação.

A esposa do político arenista, fiel ao marido, resguardava-se da prevaricação; resolvia as carências no chuveiro quente, saía na mão, esticava o dedo com afinco, viajava na maionese...

Vigília virou senhora distinta, defensora da moral; casada, nunca havia traído o marido; até o fatídico dia do enterro do prefeito de Nova Iguaçu. Onde se apaixonou pelo jovem coveiro do Cemitério da Solidão; encontrara a alma gêmea, a banda da laranja, a cara metade. O bonitão, digno de modelo de filme de terror, enfeitiçou a fêmea fogosa.

O galã fez do romance um trampolim pra classe média, deitou na sopa, só andava de roupa de marca, todo bonitinho; vivia feliz com os presentes da bela namorada.

Ao nascimento do Sol, bem cedo, o velho esposo dirigia-se ao escritório, no centro da cidade. A adúltera aproveitava para cair nos braços do guardião dos espíritos. As catacumbas, no Cemitério da Solidão, presenciavam o sexo sem limites, embalado pelos gritos de Vigília: — Ui! Ui! Uiii... Ui! Ui! Uiii... Ui! Ui! Uiii...

O romance terminou, com um suposto suicídio dela, na banheira da mansão do senador; situada na Rocha Carvalho, famosa “rua do meio”.

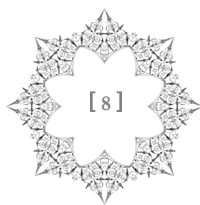
O esposo, sabido do adultério, mandou enforcar o amante na jaqueira; aquela do lado direito da capela, logo na entrada do cemitério.

A corda, enrolada no pescoço do moço, quebrou o ápice da coluna vertebral, arremessou os olhos fora da face; exibindo sinais típicos de tortura: prática comum da administração fascista na época.

A vidente, no velório de Vigília de Carvalho Tarde, revelou uma visão dos amantes: via-os abraçados, escorregando na rampa da morte, em direção ao inferno...

O idoso coveiro foi escutado, atentamente, pelos vizinhos do Cemitério da Solidão. Concluiu a história romântica, abriu as cortinas do mistério dos gritos na alvorada...

Ui! Ui! Uiii... Ui! Ui! Uiii... Ui! Ui! Uiii...





POR IDICAMPOS

LOBISOMEM

A

Lua cheia enche os limites desta folha de papel...

Diretamente da Coreia, em Mesquita, abraçado na pobreza carioca; um menino, ainda ingênuo, sonha em ser policial militar. Defender a lei, botar a ordem (assim como arrumar um por fora) completava a sua sina.

João, natural da baixa renda, resulta da influência dos violentos filmes americanos e da truculência da polícia.

A adolescência do favelado testemunhou as incursões do aparato repressivo na comunidade, o que contribuiu com a formação psicológica do garoto; afinal o cotidiano, naquela cabeça, transformava a dor do outro em banalidade.

Em época de eleição, os candidatos sobem o morro, oferecem cesta básica, cerveja barata, churrasco de carne de segunda e muita mentira. Ele assistia ao comício do pretense deputado federal, na cabeceira do morro, quando ao invés de aperto de mão, o político mordeu o seu pescoço... Tonteou, saiu do corpo, voltando a si com uma enorme cicatriz.

Misteriosamente, mais tarde (como já de costume) aparecia a lua cheia: os pelos cresciam, a careca transformava-se em cabeleira, olhos vermelhos, dentes afiados, bastante ódio; compunham o lobisomem da Coreia.

O DNA do espírito sem luz, a herança do candidato, agora deputado, corria livre nas veias da vítima, uma alma penada naufragada no pecado.

Primeiro a transformação acontecia só em lua cheia; logo a frente de 72h em 72h... Era o pesadelo da área!

Aprovado de cara no concurso de ingresso aos quadros da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. O sombrio anti-herói trazia legalidade à perversidade.

O destino, implacável, flagrava um urubu concentrado, repousado numa árvore triste, mantendo o soldado sempre vigiado... O pássaro negro, oriundo do lixo, alimentado por carniça, acompanhava os passos do genocida.

João Malaquias era malvado, porém cumpridor dos seus deveres, mantinha as

botinas engraxadas — propina do oficialato em dia — farda engomada, cabelo cortado, barba feita: praça exemplar!

O sangue subia os caninos do lobisomem, o animal uivava de prazer:

— Aum! Aum! Aum!

Não livrava a cara de ninguém, na comunidade matava tudo que respirava... Sentia orgasmo diante da morte.

Pego de surpresa, apenas num episódio de extermínio de um morador de rua, mas nada consta na delegacia — justiça não foi feita para pobre — possuía costas quentes.

O urubu acompanhava a lambança, observava-o, servia-se das sobras dos defuntos, alimentava-se da miséria sanguinária.

O agente da lei subiu rapidinho, logo, sargento Malaquias, porém a maldição continuava: o suor despencava da face, o mal crescia dentro dele; então, o cheiro de velório parecia inevitável. Os colegas da viatura, fadados à contaminação, apoiavam o assassino.

Num daqueles espetáculos de cena de terror, o policial foi interpelado pelo urubu. O bicho manifestou-se ao repressor, transmutou-se no deputado federal eleito, o político da eleição passada (terno italiano, sapato de couro alemão, gravata das cores da nação) o autor da fadada mordida...

Os apertos de mão — o convite para ser assessor de gabinete — a cervejinha, o teco na branquinha, o salgadinho de farinha de trigo, as fotos de enterro, o cheiro das flores mortas; um grande cenário preenchia a confraternização dos meliantes.

Juntos propuseram a reforma do ambiente: venderam gás, cobraram água, roubaram luz, instalaram TV a cabo, trouxeram internet, construíram prédios no barranco; garantiram o conforto do povo! Através desta milícia (falsa segurança) lavavam o dinheiro desviado do gabinete do mandato, conhecido por “rachadinha”.

Aliados aos conservadores foram batizados naquela igreja, recrutados em célula nazista; proliferaram homofobia, espancaram criancinhas, apoiaram o extermínio dos índios, etc.

Os crápulas ganharam vulto na sociedade, instituíram a maledicência, invadiram Brasília; expandiram os negócios, legalizaram a propina, fizeram acordo até com o diabo.

O arquétipo da assombração virou uma besta mitológica, pois João mais os parceiros receberam o status de trapaceiros internacionais; especializados em crime contra a humanidade.

O mandato vai chegando ao fim, já tem gente querendo limitar o surgimento da lua cheia; no entanto, o terror resiste, muda de partido, abandona o satélite natural, o pavor caminha na escuridão.

Os vampiros — mas também todos os monstros — reivindicam uma fatia do bolo, o inferno da política nacional está montado, os zumbis apresentam as plataformas eleitorais, lançam seus representantes, a sorte está lançada; contudo, o azar continua no páreo...

Final do ano, nova eleição, faixa esticada aos pés do morro:

“JOÃO MALAQUIAS SENADOR”

Quem pode mete a mão, se não tem condição, vai ser tira...





POR IDICAMPOS

GAMBALACHO

Carlota Cambalacho, feminista porreta, nasceu à margem da luz; filha de suicida, criada pelo padrasto, veio ao mundo pra sofrer... Nascida na região, desenrolou a infância em Cabo Sul; local distante alguns quilômetros da cidade. Adiante fixou residência no Bairro da Luz, próximo ao centro de Nova Iguaçu, em meados dos anos oitenta.

Romântica, bastante convicta, amava até a morte, achava a morte o início da vida. Via no amor uma ligação com a dor, acreditava na união até o fim, pra ela era um pacto nupcial.

Os peitinhos da menininha de nove anos espiavam o mundo a partir da camiseta de algodão. O nascimento da bela flor convergiu com o início do seu calvário. O padrasto, suado, retornava do trabalho, no início da noite, sujo de graxa; beneficiando-se do fato da esposa só chegar após as 22 horas, bolinava a enteada, envolto em súplicas:

— Segura aqui, um pouquinho, vem no colinho do papai!

A garota, assediada, mergulhada nos sonhos de criança, cedia ao padrasto por inocência. Com os anos, moça formada, tomou consciência da violação que sofria. Aí, a coisa mudou de figura, o bicho pegou!

Numa tarde dessas, parceira do cotidiano, o criminoso perdeu a vida entre os dentes de Carlota. A notícia ecoou, ganhou a capa do jornal Correio da Lavoura: “Garota de 17 anos assassina o padrasto, arrancando o sexo da vítima com uma dentada”.

Recolhida num camburão prestou declaração na 52° DP, Delegacia de Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro, onde pagou um boquete como fiança. Sendo liberada, pois era menor de idade.

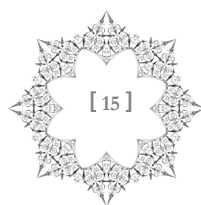
Ingressou na maturidade, procurou a religião, crente fervorosa, orava pra esquecer... Na igreja conheceu o primeiro marido, um dependente químico a procura de salvação. Casou à moda grinalda, indo morar na casa do Bairro da Luz.

Os primeiros sete anos do enlace foram maravilhosos, mas a sofredora esbarrava, novamente, no destino. O marido retornou à droga, ansiosamente, passando a bater na companheira.

Resignada — aturou muito — finalizando o matrimônio no enterro do esposo; envenenado por ocasião da degustação de uma sopa de inhame com chumbinho. Sepultou o cônjuge, apoiada no argumento da pandemia, com suspeita de Covid, sem autópsia. Endossada num atestado de óbito que lhe custaram, em recompensa ao médico, as poucas pregas que lhe sobraram.

Abandonou a religião, frequenta Escola de Samba, adora um Funk — só namora por amor — faz faxina pra pagar as contas e vende cachorro-quente nas praias da zona sul, no fim de semana.

Sonha casar de novo, recentemente, colocou um perfil de gente direita num site de namoro. Alguém quer o endereço?





POR IDICAMPOS

A REVOLTA DAS BACTERIAS

Bombou no Z 10! Leia no digital, estampado no rosto do periódico: “A revolta das bactérias”, porque a dor da gente sai no jornal!

Um cientista, daqueles famosos — genial — estudou anos, pois procurava uma droga capaz de acabar com a burrice, exterminar a falta de bom senso, o desrespeito ao outro, o mau humor, a ignorância...

A procura da química perfeita custou ao intelectual o desatino da perseguição, afinal, os conservadores — munidos dos direitos da propriedade intelectual — reivindicavam a inteligência mediana, o raciocínio curto. Argumentavam que o ser humano era destituído da capacidade de lidar consigo mesmo.

A coisa fedeu com a divulgação do resultado das pesquisas do cientista, que lograram experiências sucessivas de sucesso, de aumento do QI. Conseguira transformar um egoísta ambicioso num fraterno agricultor de produtos orgânicos, responsável por uma produção recorte de alimentos saudáveis. Recuperara um meliante com poesia, o criminoso retornara ao convívio social, estava envolvido com recitais literários.

A substância produzida pelo doutor Tutposso: a bactéria inteligente, já estudada e reproduzida em escala; constituía a maior descoberta científica do século vinte e um, um verdadeiro milagre!

O conflito da inteligência com a demência acirrou, quando perturbou o interesse dos espertinhos... Explodiram o centro de pesquisa, matando o cientista, exterminando o estudo de décadas, o laboratório ardeu em chamas.

A polícia de Mesquita, município carioca, local do delito, registrou a ocorrência; conclui tratar-se de terrorismo, era um incêndio criminoso.

No sepultamento do doutor Tutposso compareceu a esposa, a amante, três filhos, o reitor da universidade, o porteiro do prédio, o cachorro, etc. Todos entrevistados na reportagem do jornal digital: o famoso Z10!

Na hora do enterro aconteceu o realismo fantástico, as bactérias alojadas no corpo do cientista, invisíveis a olho nu, migraram para os presentes, na evaporação do suor do defunto...

A liderança das bactérias, emponderada, mobilizara as amigas; invadiram os intestinos, dominaram os organismos. Num gesto audacioso programaram o destino da raça humana. Uma ameaça ao poder do Estado, caso de subversão. O DNA do gênio instalara-se no código genético das bactérias, a ignorância estava com os dias contatos...

A patologia das minúsculas consistia na proliferação do questionamento, febre alta de ler, calafrios de saber, delírios de amor. O veículo de contaminação era a água, o habitat das bactérias.

O governo reage, arranca as folhas dos livros, ameaça os professores, estabelece a lei da escola sem partido, persegue os escritores, cala a opinião pública, extermina o abraço, caça o direito ao afeto.

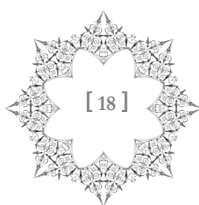
As monstrixas estão em toda parte, mais assustadoras que terror de filme comercial, capazes de alterar o curso da história do planeta!

Respire fundo, relaxe, previna-se: veja televisão, assista a uma novela mexicana, queime livros; nem tudo se perdeu, ainda temos a proteção da mitologia da burrice. As autoridades aperfeiçoaram a reação: caçaram as paixões dos amantes, proibiram o carinho, puniram o beijo de língua.

Adiante, acrescentaram geosmina na água, remédio desenvolvido no Ministério da Saúde, com eficácia comprovada contra o raciocínio crítico.

As bactérias, acuadas, exilaram-se na Fiocruz... O aparelho repressivo descobriu, fechou a fundação, trancafiou as subversivas; incinerou-as num forno, a pelo menos 500 graus..

A fumaça da cremação visita o mundo dos mortos, a fila da volta sofre alteração para reencarnação. Elas dominam o ciclo da vida após a morte, passam a frequentar sessão espírita, psicografam uma mensagem: retornarão em breve... Cuidado!





POR IDICAMPOS

**É DURO
VER TUDO...**

É duro ver tudo...
— Quem quer ver dura? Verdura fresquinha, quase orgânica, vinda da roça, regada com muito amor!

Ganhava a vida o verdureiro da Passarela do Caracol, aquela que enrola a mente nas voltas do concreto armado; dividindo a cidade de Nova Iguaçu, literalmente, no meio.

A ladainha do sujeito deu uma trégua, quando foi interpelado pela freguesa:

— Quanto custa o cheiro verde?

— Três reais.

A vida do vendedor de verduras fazia corrente nos dias, arrastando o destino à própria sorte... Daquele ponto do planeta, ele avistava o mundo.

O verdureiro argumentava que a cidade nunca trazia monotonia, mas despertava paixões, estimulava a libido.

Montado neste discurso perdia a compostura, diante da bunda mais bonita do pedaço. Todo dia, pontualmente, às 9h, passava a bunda maravilhosa, todavia nunca havia parado para comprar nada.

Naquela manhã, véspera de feriado de comemoração do dia da Independência do Brasil, o cheiro verde cruzava o caminho do verdureiro com a bunda extraordinária:

— O seu cheiro está bastante caro! Reclamava emponderada.

— Os preços estão na hora da morte, querida.

Conversa vai, assunto engata, a gostosa revelou a profissão: era comissária de polícia civil do Estado do Rio de Janeiro, lotada na 52ª Delegacia de Polícia Civil de Nova Iguaçu.

No início, titubeou perante a autoridade, em seguida relaxou, lascou uma cantada; tendo a rua como testemunha, acertaram o encontro pro outro dia.

No feriado, estava lá, no botequim, em frente ao ponto das vans; na hora marcada, tremia feito uma vara verde, tinha medo do desconhecido... Ela, no previsto, chegou; beberam duas cervejas, esbanjaram excitação, partiram para os finalmente...

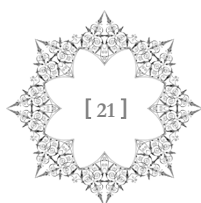
Os aventureiros instalaram o ninho de amor, no hotel vizinho à rodoviária. Chegaram transbordando prazer...

Ao adentrarem no quarto começaram as surpresas: a bonitona tirou o sutiã, com enchimento, guardião de uns peitinhos caidinhos, vítimas da ação da gravidade.

O espanto ficou por conta da bunda, a bunda dos sonhos eróticos do verdureiro que despencou, após ser abandonada pela calça de ginástica.

A decepção só não foi maior, porque, diante do desastre, tratou de apagar a luz. Transaram no escurinho, calorosamente; no entanto, na hora da empolgação, puxou os cabelos da amante, revelando a calvície da mulher.

Desesperado, com a peruca sintética na mão! Pulou a janela da suíte, quebrou o pescoço, morreu de amor...





POR IDICAMPOS

CAI CEDO OU TARDE

Uma funerária era inaugurada, na Avenida Joaquim da Costa Lima, por José Cai Cedo; criado, desde pirralho, em Belford Roxo. Indivíduo de caráter duvidoso, péssimo aluno na escola, porém capcioso, loroteiro, um espertinho...

O dia chuvoso rimava com a cerveja vagabunda, oferecida aos convidados, na recepção de inauguração da funerária: Rumo Certo. O empreendimento, comedido, abria as portas, apoiado no alto índice de óbitos da região.

Cai Cedo começou a carreira limpando cova, pintando sepultura de cal; profissionalizando-se, ainda jovem, como papa-defunto. Trabalhou duro, arregimentou algumas economias: abrindo o comércio da morte.

Entrava, no ramo, no dia 2 de novembro, no feriado de finados: distribuía cartãozinho na porta do cemitério, possuía serviço de limpeza de cova, exumação de ossos, pintura de sepultura, decoração com cravos, perfume; tudo que o buraco tivesse direito.

O negócio ia de vento em polpa, morria mais do que nascia, ramo próspero. Os parentes queriam, sempre, bom enterro: urna de madeira de primeira, flores importadas na coroa, maquiagem europeia na face do ente querido; a alma torcia a cara de tanta falsidade, coisa de desculpa na hora da morte.

O comerciante crescia os olhos com os fregueses, ia até ao inferno para satisfazer a vontade da família do moribundo...

Além de assistencialismo remunerado, mantinha sociedade, escusa, com o grupo de extermínio, a câmara dos vereadores, a PM e a boca de fumo. Garantindo o sucesso do seu empreendimento, em tempos de crise...

A situação degradingolou com o advento do amor, do relacionamento sério, do casamento; a obrigação impunha mais responsabilidade. A garota já casou grávida.

A carestia acometeu o chefe de família, gerando a necessidade de um bico para completar a renda, um por fora... Numa fração de segundos surgiu mais uma oportunidade ilegal, porém lucrativa.

Mal morria alguém, ganhava um pente fino, o larápio prendia desde a cueca de marca ao espartilho; o arrastão acontecia na hora da customização, da ornamentação do caixão. Indefeso, o corpo frio perdia a aliança, os dentes de ouro e as próteses.

O morto chegava, na funerária, com as mãos pra cima, sabia da sua sina, seria roubado. Primeiro ele retirava, com o auxílio de uma bomba d'água, todo o sangue do infeliz. Engarrafava e vendia às clínicas clandestinas de cirurgia plástica.

José derretia o ouro, furtado, no fundo do quintal, dispensando no câmbio negro o resultado da demanda. As próteses, depois de lavadas, eram colocadas em caixinhas bem arrumadinhas, com selo de qualidade; tinham destino, iriam preencher outros corpos.

Os casos assombrosos somavam-se ao sobrenatural. Uma dentadura, colocada com certificado de garantia, na esposa do vereador, do Bairro do Bom Pastor, sorria sozinha. O cérebro do gênio, instalado na cabeça de um idiota, confundia a ignorância com a inteligência. Os desatinos contextualizavam os conflitos existenciais, entre a vida e a morte.

Cai Cedo administrava a funerária ao telefone, no balcão da padaria, naquela manhã, curtindo um cafezinho, quando uma dor insuportável gritou dentro dele. Perdeu o equilíbrio, esborrachando a cara no piso da Padaria da Solidão. Por sorte, a balconista fez a massagem cardíaca, retardando o ataque fulminante. Socorrendo-o, às presas, no Hospital do Joca.

Na maca, o enfermo, estrebuchando, foi encaminhado à sala de cirurgia, onde lhe aguardava um coração de plástico, com boa procedência, prazo de validade, com a marca: Cai cedo, ou tarde.

Aquele coração de plástico era um órgão apaixonado — desencaminhado por descuido — amava a vida, sonhava com a paz! Vinha do que havia sobrado de um poeta da região.

O ambiente, fruto do SUS (Sistema Único de Saúde), contava com o mínimo; vez por outra, o esparadrapo cedia lugar ao durex, a faca da cozinha substituía o bisturi, faltava água, a higiene estava de férias, parecia laboratório nazista.

Estirado, na política de saúde pública do país; o enfermo aguardou, três horas, o início do procedimento, pois o doutor atenderia antes, uns trinta...

Após a cirurgia, recebeu a visita da esposa, dos empregados, dos vereadores, do prefeito do Município de Belford Roxo, do coronel do batalhão, do chefe do grupo de extermínio, do dono da boca, etc.

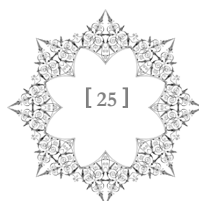
O recinto remetia aos interesses do poder paralelo, as visitas torciam pelo restabelecimento de José Cai Cedo; eles temiam perder a propina, oriunda da funerária: Rumo Certo.

A contrariedade aconteceu, quando o coração lírico gerou oposição à mente do pilantra, porque mediante qualquer mentira, ele inchava, esbarrava nas costelas... O sujeito comprimia de dor, doía dentro do tórax.

No que tange à operação, fora espetacular, o coração cabia certinho no peito; todavia a fraternidade, contida na prótese de plástico, comprometia a continuidade da atividade mortuária, inviabilizando o comércio da morte. Finalizando o ocorrido com a venda da funerária.

Refez os conceitos, investiu em flores, abriu uma floricultura — quem diria — virou poeta, facilmente encontrado, na última quinta-feira do mês, no sarau dos Poetas e Afins.

Confuso, virou objeto de pesquisa, apresentou-se como cobaia humana, numa iniciativa sem comprovação científica, para livrar a raça humana da falta de honestidade.





POR IDICAMPOS

AMOR A ULTIMA VISTA

O político, formado em direito, caçoava de tudo, tendo a vida como um jogo, só acreditava na sorte, dava as costas ao espelho, negando o seu próprio reflexo...

Paulo Conversa, resultado do marketing, vereador eleito uma porção de vezes; levava o povo na conversa. Em Queimados, frente à comunidade, nunca se queimava, porque iludia, mentia, prometia, fechava um buraco, destampava o outro; vivia de enrolação, sempre dava um jeitinho... Aposentava homem broxa, mulher na menopausa, preguiçoso, cabo eleitoral, etc. Mantinha a base política assistida.

Paulo fazia das tripas o coração, estava na boca das urnas, nos braços da massa: presenteava os aniversariantes, comprava as flores dos casamentos, frequentava os churrascos, advogava para malandragem da boca de fumo; era um político popular!

O morto caía — já sabia— prestava as condolências, providenciava os preparativos, chorava meia hora aos pés do defunto; abraçava a viúva, despedia-se do eleitor falecido, garantia o voto da família nos teclados da urna eletrônica.

O display do celular acendeu, passava das 11h, o Sol estava escaldante, o telefone anunciava um churrasco; recebia um convite da turma do futebol, da pelada dos solteiros contra os casados, no campo do Nova Iguaçu Futebol Clube. A carne aguardava na brasa, numa churrasqueira alheia ao assassinato do gado, torturando as coxas da galinha na grelha.

Colocou a camisa do Clube, comprou três quilos de costela, apresentou-se na comemoração. Entregou a costela suína ao churrasqueiro, sentou na cadeira de madeira, na mesa do bar, em frente ao campo.

Do lado direito, encaminhou os olhos à vitrine da loja, observou o novo figurino do Nova Iguaçu Futebol Clube, time da primeira divisão do campeonato carioca. Levantou a testa para solicitar uma dose de cachaça, percorreu o visual, no salão, à procura da garçonete; quando fixou a atenção numas pernas roliças de uma mulher, de lábios grossos, dona de uns seios que fariam inveja a qualquer espanhola.

A garçonete registrou o apelo, trouxe a cachaça, o vereador engoliu num gole só, beliscou um churrasquinho, tomou coragem: investiu na dama solitária, com simpatia; foi correspondido, mudou de mesa, conferindo, novamente, os peitos volumosos.

O papo rolou às mil maravilhas, beberam umas cachaças, um montão de cerveja, tiraram gosto na saliva dos beijos ardentes! Paulo pagou a conta, entrou no carro bacana,

com a gostosa no banco do carona; pisou fundo no acelerador, disparou na mão contrária — em fração de minutos via a cor da calcinha do monumento__ na cama redonda do hotel.

No motel Comanche, apaixonado, ele fez a festa, misturou bebida, sacrificou o fígado; pois a companhia mais parecia uma esponja, bebia compulsivamente. Gozaram, alucinadamente, até pelos buracos dos ouvidos...

De volta ao lar, fim do dia, deu um beijo na esposa, pegou o filho no colo, tomou um banho frio, deitou no sofá, relaxou; solicitou um chá de boldo, dormiu pesado, a ressaca o consumia.

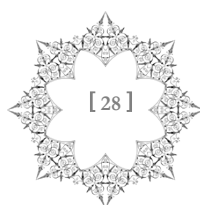
Não demorou muito, a campanha tocou, o dever solicitava-lhe: havia falecido a mulher do presidente do partido, acometida por coma alcoólico; na manhã daquele domingo, no Hospital da Posse. Ficou enfurecido, resmungou, xingou a divindade, mas colocou o terno preto; saiu de noite, de óculos escuros, destinado à obrigação de morte.

Na madrugada, as corujas dormiam, o café frio rolava na garrafa térmica; o velório testemunhava a consternação do vereador, reclamando da vida, inconformado com a morte, consolando os eleitores.

O astro rei nasceu triste, em respeito ao fim, em plena segunda-feira. O padre chegou, procedeu ao ritual fúnebre, seguiu as últimas considerações, reuniu os espectadores para fechar o caixão. Inesperadamente, os presentes foram surpreendidos com as súplicas do vereador — pura demagogia— desejoso de fitar o rosto do cadáver, num último adeus.

Ao levantar o véu da falecida, deparou com o rosto da amante, da protagonista do orgasmo no motel, no dia anterior; a parceira de cama no Comanche, a mulher da pelada, esticada no pijama de madeira...

Deu sete pulos, tropeçou nas pernas, espatifou, no chão de cimento, corroborando o amor eterno, naquela dupla traição.





POR IDICAMPOS

VIAGEM SEM PASSAPORTE

Herculano, filho de gregos, funcionários de um transatlântico, vinha de pai animador cultural, com mãe bailarina; eles compunham o elenco dos espetáculos, na embarcação de três andares.

Gerado no sacolejo da cabine, teve o mar como berço, ninado ao ritmo das ondas do mar; logo após o resguardo da mamãe, a família recebeu a dispensa, a empresa negava aos empregados conceber filhos, perderam as respectivas funções.

Os pais radicaram-se na Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro, em Japeri. Ali, o menino viveu a infância: jogou bola, arremessou pedra na casa dos outros, brincou de pique esconde, deliciou a salada mista, tomou porrada no garrafão, etc. Cresceu, aprendeu violão, amadureceu, escreveu o seu destino.

Herculano fazia jus à descendência, amava filosofia, tinha a mitologia grega por religião; via no conhecimento — no interior do ser — uma aliança contra a ignorância humana...

Iniciou a carreira de músico, em Nova Iguaçu (município colado em Japeri); frequentava as rodas de intelectuais, marcava presença nas bebedeiras, dedilhava as cordas do instrumento como ninguém. Tocava no Bar do Daniel, onde ganhava o pão de cada dia.

O violão de Herculano, esbanjava intuição, dedilhava um som harmonioso, quase um mantra. Os vizinhos elogiavam, o público delirava, a rapaziada curtia. Dominava a música, enfeitiçava o ambiente, conduzia a plateia a um momento de paz...

No Bar do Daniel, conheceu Megana, o amor da sua vida; uma paixão de morte, consolidada no casamento mais feliz daquela época.

Megana residia em São João de Meriti, na beira da Rodovia Presidente Dutra, eixo econômico do país, ligando o estado do Rio de Janeiro a São Paulo. Estudou pouco, fez curso de cabeleireira, especializada em cortes extravagantes.

O matrimônio domiciliou o casal no bairro da Califórnia, pertinho do centro de Nova Iguaçu. A vida corria em paralelo ao paraíso. Ele músico de barzinho, ela cabeleireira, viviam as mil maravilhas.

Acordavam juntos, dormiam de conchinha, passeavam de mãos dadas; um cara metade do outro, distribuía afetividade, viviam um grande amor!

Os mandamentos da via do coração foram interrompidos, drasticamente, por uma moléstia pulmonar: uma pneumonia evasiva. A doença tomara conta dos pulmões de Megana, levando-a ao óbito, em poucos meses.

O desatino colocou a vida de Herculano de pernas para o ar, perdeu o eixo da questão. Desesperado, esbravejava contra o cosmos; achava que Zeus havia imposto a ele o castigo da solidão.

A morte da companheira embaralhou os pensamentos, na cabeça de Herculano; padeceu de tristeza — cabisbaixo — entregou-se ao álcool, perdeu as rédeas do ego, embarcou na compulsão da cocaína.

Numa dessas, mergulhou numa alucinação, naufragou no inconsciente, visitou as profundezas da mente... Suspirou fundo, sendo acolhido nos braços de Morfeu, onde confessou as suas mágoas... O Deus do sono, piedoso, presenteou-o com o sonho dos deuses: a capacidade de vencer a morte...

Sacudido de si, avistou uma fenda na realidade, penetrou na rachadura... Abriu os olhos, enxergou uma vasta estrada escura, apertou o violão no peito, desceu o caminho... Consciente do amor nunca antes sentido, senhor da sua vontade, escutou longe a voz de Megana, clamando o seu nome... Fortaleceu a vontade, continuou invadindo, mais andava... mais a voz soava, mais clara!

A felicidade, o brilho das palavras de Megana, lotaram o coração do artista de esperança; no entanto, ao dobrar a curva, deparou com Cérbero, guardião das portas do inferno, o cachorro de várias cabeças.

As cabeças do cão rosnavam: o pavor tomou conta de Herculano; ainda que tivesse coragem, estava perdido. Aflito, reivindicou a bondade dos deuses do Olimpo, empunhou o violão, cantou uma canção de amor, feita em homenagem a Megana, um hino de ternura.

Misteriosamente, a luz dominou a escuridão, as notas musicais encantaram o espaço, trouxeram harmonia; o cão, simplesmente, dormiu, as cabeças da fera babaram diante daquela mágica.

Megana gritou, a voz vinha das profundezas, o tórax de Herculano saltava, a saudade aumentava o ritmo dos passos, ia de encontro à amada, estasiado. Desceu alguns metros, deu de cara com um sujeito pálido, esquelético, vestido num traje estranho: estava perante Hades (o senhor da morte). O Deus mirou Herculano na testa:

- O que fazes por aqui? Homem da superfície.
- Vim resgatar o amor da minha vida.
- Então, por amor, vens às trevas, ao reino obscuro da morte?
- A vida, sem amor, reflete a morte...
- Outros vieram e sucumbiram...
- O amor vencerá a morte!

— Os desafios serão árduos!

— Apresente as dificuldades, vencerei qualquer obstáculo.

Neste momento, atrás do trono da divindade, surge Megana, orgulhosa da coragem de Herculano. Beija-o, abraça, ratifica as juras de amor... Até a mulher de Hades ficou comovida com a pureza do sentimento de Herculano e Megana.

Hades pronuncia a sentença dos amantes: caberia ao herói viver junto à musa, em solo terreno: comer, beber, pagar aluguel, manter os impostos em dia, com um salário-mínimo. Ou estaria fadado a viver com Megana, eternamente, no percurso entre a vida e a morte.

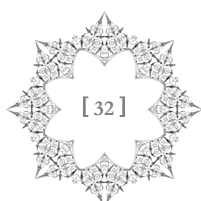
Ciente da impossibilidade da primeira proposta, confabulou junto à companheira, optaram pela segunda opção. O Deus da morte, dono do inferno, evaporou, num esguicho de fumaça marrom...

Em instantes, o casal retornava à estrada, no sentido de subida. Léguas depois, os amantes saciaram a sede, no riacho subterrâneo. O sabor da água concatenou os namorados com a natureza do lugar.

O líquido corrente refrescava os corpos, nadaram, brincaram, observaram a paisagem; concluíram por fixar moradia ali, em meio ao tempo da estrada, entre a vida e a morte.

Mais tarde depararam com outros habitantes, sobreviventes da Viagem ao centro da Terra, promovida por Júlio Verne. Fizeram amizade, fundaram uma sociedade libertária; destituída de impostos, com comida mais bebida grátis, oriundas da cultura de subsistência.

O povo da superfície procura, ainda hoje, os buscadores do amor eterno que venceram a morte...





POR IDICAMPOS

O SOBREVIVENTE DO ABORTO

O herói da história, o Quixote brasileiro, o querido Jaindo, refletia a infância no Morro das Palmeiras, remetia aos pés descalços, à barrica repleta de lombrigas; à difícil situação dos moradores de baixa renda.

O pensamento de Jaindo despencava da cabeça, sentado no sofá rasgado, nas dependências do barraco; incomodava-se com o passado, atento ao presente, alerta com o futuro. Corroborava na cachola os amores, os devaneios, a sequência de dissabores...

Filho único, de lavadeira com camelô, nasceu por pura sorte, a genitora ingeriu até chá de buchinha (fez o possível para abortá-lo), pois as mazelas da pobreza dificultavam a educação da criança.

Criado às margens da vala da direita, de quem sobe a ladeira. O sobrevivente do aborto trabalha desde uns oito anos de idade: catava latas, vendia amendoim, limpava para-brisa de carro no sinal; sacudia a cabeleira para viver...

Penetrou nas considerações da meninice, na vida miserável do Morro das Palmeiras, em Belford Roxo, um pedacinho triste do Rio.

A cabeça chata, do nosso alpinista urbano, denunciava a genética da migração nordestina; fora modelada pela lata pesada de água, fardo inseparável das recordações do inconsciente coletivo da favela, no cenário da falta d'água.

A barba cresceu, a juventude estampou no espelho, a puberdade trazia a revolução dos costumes — os devaneios infantis eram contidos pela falta de dinheiro — o imaginário juvenil expandia, surgiram as primeiras frustrações...

A realidade impunha a rebeldia, foi cooptado na estrutura do tráfico, recrutado como olheiro da boca de fumo, avisava a organização da incursão da polícia na área.

Acerbado pelo sonho do dinheiro fácil, quase pirou, vivenciando uma realidade a quem das suas expectativas de garoto; sendo resgatado no ensino médio, na pedagogia do professor de filosofia. Elemento revelador das possibilidades de abandonar a miséria material e intelectual.

Prestou vestibular, quatro anos decorreram, saiu da universidade, formado em advogado. Labutou na profissão, leu muito, porém as causas judiciais esbarravam na morosidade da justiça. Assim encurralado no labirinto do sistema — mais perdido que cego em tiroteio — com o bolso vazio, partiu pra prostituição.

Deslumbrado, com o lucro do empreendimento, cedia aos caprichos sexuais das madames. Logo em frente: vivia da generosidade delas. Acumulou dinheiro, alugou um

imóvel, na Av. Mariano dos Passos, próximo à igreja de São Sebastião, padroeiro do Estado. Onde inaugurou um inferninho.

A casa de favores era propagandeada como ambiente familiar, afinal todo mundo tem família. Mantinha 22 quartos, uma recepção de dar saliva na boca, três ambientes, um verdadeiro palácio!

O nome fantasia do recinto insinuava romantismo: AMOR FATAL.

O primeiro piso acertava o negócio sexual, promovia uma dose de cachaça, tipo brinde. Acontecia uma entrevista, instante no qual o freguês, ou a freguesa, revelava as suas opções. Ademais, pense o quê quiser...

No segundo piso, o andar da cortesia, serviço três estrelas, cinquenta por cento de desconto: direito a uma hora de prazer, com massagem mediana, banho de chuveiro, acompanhado de roupa de cama fervida...

O terceiro piso ciceroneava a burguesia da Baixada Fluminense, regado a uísque, caviar, hidromassagem e sacanagem à vontade. As suítes, reservadas com antecedência, hospedavam os políticos, os representantes da lei, os traficantes, os militares, os empresários, etc. O espetáculo mobilizava a nata da sociedade carioca.

O ponto oferecia discrição — boca de siri — privacidade no quarto 21. Resguardado aos incubados, aos falsos moralistas, às damas da sociedade com taras estranhas; aliás, com sigilo garantido.

O empreendimento da libido sanava qualquer demanda, ainda empregava bastante, fortalecia o mercado da cultura, investia na arte. Dentre os funcionários estavam os músicos, os atores; mas também os poetas, garantindo o clima de romance clandestino.

O dono agia com ética, evitava aproximação pessoal no local, todavia o coração bate forte, porque ninguém é de ferro, a emoção acabou subindo a cabeça... Numa dessas, apaixonou-se, perdeu a linha na alcova da feiticeira da noite.

A atração fatal por Marineide — a deusa do prostíbulo — perturbou o juízo, misturou as estações, tumultuou os pensamentos do cara. Ficou complicado equacionar as contradições do amor, no expediente da empresa.

O ciúme detonou o íntimo dos amantes: suava frio ao vê-la jogada nos braços de outro, beijando diversas bocas, servindo aos caprichos do dinheiro... Desesperado, demitiu a gostosa, encerrou a aventura amorosa.

A culpa invadiu o interior de Jaindo, sofreu de solidão, desgostou do investimento; vendeu tudo. Mudou de ramo, abriu um Ferro Velho, na Rodovia presidente Dutra. Comprou ferro, amassou lata, queimou fio, etc..

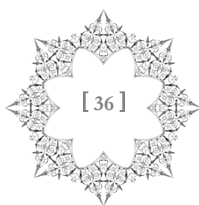
Reciclou a alma, compôs o arquétipo do cidadão de bem, pontual com os deveres, pagador de impostos, eleitor. Defendia a transformação do lixo em matéria prima de produção, compreendia o papel social da reciclagem.

Inserido no contexto, politizado, vivenciava os problemas, passou a ter empatia com o sofrimento do próximo; então, reuniu os amigos, discutiram as dificuldades e resolveram fundar uma Associação de Moradores.

A iniciativa cresceu com a vitória de Jaiundo, eleito presidente da Associação dos Moradores do Morro das Palmeiras; vitória esmagadora, com a maioria dos votos, o danado possuía carisma.

Imbuído da confiança nele depositada, arregaçou as mangas da camisa, formalizou um mutirão, mobilizou a massa em torno das carências imediatas... Juntos, tamparam os buracos, adicionaram luz pública, viabilizaram o saneamento básico; concluíram, na prática, que a união faz a força, transforma a realidade!

A dor, no peito do emergente, gritou por ocasião da morte de Marineide: encontrada no asfalto, esfaqueada na Rodovia Presidente Dutra; em frente ao ferro velho de Jaiundo. Ela trazia, espremido na mão, sujo de sangue, um teste de paternidade, revelando a consequência do amor não correspondido...





POR IDICAMPOS

UM CONTRATEMPO

Surtava, impulsionado pelas adversidades, versado em ignorância, achava os livros uma falácia, um conto do vigário, uma historinha de escritor... No seu entendimento: a história oficial era um amontoado de mentiras.

A sociedade, segundo o filósofo, era formada por um bando de idiotas, escravos das editoras. Os leitores viviam a serviço da mídia, do discurso imposto. A ciência havia afastado o ser humano da religião. A ditadura da sabedoria acabaria com a moral, com a família.

A mobilização, contra os livros, promovia uma campanha junto àquela garotada da bolinha de papel, dos preguiçosos, da rapaziada que só lê display de celular, dos grupos neonazistas, etc. A manifestação reunia o conjunto da ignorância da época.

Maurício abraçava a teologia, recebeu o batismo, em meio às águas, nas mãos do pastor Evandro da Sacolinha. Eminente defensor da raça superior, do fundamentalismo religioso, do respeito à moral e aos bons costumes.

Com o apoio dos conservadores da religião, Maurício passou a perna no pastor Evandro, tomando o poder na ceita. Agora, dava as cartas no templo, as doações foram reajustadas em vinte por cento, colocou bilheteria na porta, cobrou ingresso na entrada do culto; mas também quem queimasse livros ganhava desconto.

O Templo da Salvação, antigo Lar da Sacolinha, servia de ponto de encontro, centro de convenções. Situado na esquina da Rua da Lama, nas proximidades de Nova Iguaçu, vizinho do inferninho. Os dois estabelecimentos disputavam a tapa os clientes.

Diante do sucesso do conluio de fé, resolveram marcar um grande evento, com a participação de cantores, desfile de facções aliadas e a eleição do primeiro paladino da esperança.

Contataram alguns vereadores, simpatizantes da causa, os quais viabilizaram a confraternização: patrocinaram o palco do encontro, pagaram os artistas ligados ao movimento, conseguiram a liberação da praça Santos Dumont, viabilizaram o acontecimento.

Aglomeraram, no recinto, os defensores do fim da escola pública, as

organizações contra a ciência, os inimigos do SUS, os exterminadores de professores e o Templo da Salvação.

Executaram um concurso, promovido pela da milícia local, elegeriam o líder supremo do Exército da Ignorância, o paladino da esperança. O Exército da Ignorância iniciaria as atividades a partir da escolha do líder.

O dia tão aguardado deu o ar da graça, com um sol generoso, tendo ao fundo a imensidão do céu. O azul da tarde perdia o brilho para as bandeiras dos diferentes candidatos ao cargo de todo poderoso.

Contrataram um genuíno carrasco nazista, especializado em queima de livros, para conduzir o ápice do evento; o incêndio exterminaria uma biblioteca inteira, uma fogueira intelectual.

A programação iniciou com o acender do fogo, alimentado por uma montanha de títulos — na maioria teses de história — afirmando a intenção de eliminar qualquer memória da humanidade.

As chamas poderiam ser miradas por satélite, dada à magnitude das labaredas; uma verdadeira insanidade. Alucinados, ao som de palavras de ordem, gritavam: abaixo a ciência! Viva a ignorância! Livros nunca mais! As faixas esticadas, empunhavam a principal reivindicação: começar do zero!

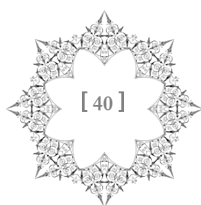
Desenrolaram as oratórias, um qual o outro, repetiam em sinônimos as mesmas argumentações. O representante da Muzema defendia, calorosamente, a substituição da gramática, a cassação da escrita, a transmissão de valores via oralidade.

A chegada de Maurício ao microfone, no eixo do palco — levou ao delírio — ensurdeceu a praça lotada, com o som dos aplausos, seguido de palavras de ordem propondo o fim do conhecimento.

Enquanto isso, o fogo ganhava corpo, as faíscas atingiram as árvores, os carros estacionados incendiaram; desencadeou uma reação em cadeia, tudo ardia em brasa. Infelizmente a histeria tomava conta da área, ninguém se ateu a catástrofe.

Em instantes, a praça Santos Dumont explodiu, levando ao espaço parte significativa da loucura contemporânea.

O noticiário produziu uma reportagem comedida, afinal, ali, a sociedade incinerava a última bravata da ignorância humana.





POR IDICAMPOS

O PERCALÇO

O outro lado da moeda, a existência da mulher, colocada em segundo plano a cargo da história patriarcal; impunha a sua presença, trazia pra si a luta pelos seus direitos, exigia pertencimento na direção dos rumos da sociedade.

Janaína, dançarina de primeira, contava que desiludida do amor, com o coração partido, abandonara o afeto, no término do expediente da gafeira. Na madrugada, numa quinta-feira triste de dezembro, véspera de natal; corria da desilusão, jamais voltaria àquela condição de objeto, merecia ser amada.

Arrastou as pernas, no perímetro da cidade de Duque de Caxias, as lágrimas deslizavam nos olhos. A dor esmagava o espírito da trabalhadora, o semblante denotava um sofrimento crônico, aguçado na perda irreparável.

Remontava os acontecimentos, trazia gravado consigo o beijo acalorado, as juras de amor, a temperatura do corpo dele, a transpiração do gozo sincero... Dobrou a esquina, sentou no bar, chorou copiosamente, bebeu todas; dormindo esquecida na mesa.

A ressaca da paixão deu uma trégua, procurou as amizades, registrou ocupação numa livraria; abraçou a sabedoria, desanuviou o raciocínio, encontrou refúgio nos textos, ampliou o universo, acendeu a luz no fim do túnel...

Ponderou, procurou a família, reabilitou a relação parental, conciliou com a mãe, aproximou-se dos irmãos, reinventou o caminho; deixou lá atrás a trajetória confusa. Arregaçou as mangas, enfiou a cara nos livros, terminou o curso de magistério.

Aprendeu alfabetizando adultos, tirando os alunos da ignorância, remodelando as expectativas, conscientizando, humanizando; oferecendo solução às vítimas do descaso.

Inserida na atividade de ensinar, acumulou uma grana, pagou a faculdade, estudou bastante, encerrou o curso de história da arte; conquistou o mestrado, brilhou no doutorado: defendeu, em tese, a identidade do ser contemporâneo na Baixada Fluminense.

Prestou concurso, aprovada dentro das vagas oferecidas. Assinou a carteira de trabalho, no cargo de professora de história da arte, numa faculdade pública proeminente.

Deixava o semblante de coitadinha, na memória, renunciava à recordação de cria da favela do lixão, em Duque de Caxias; aplumava o esqueleto, avançava diante das atrocidades, lavava a alma, pulava na classe média.

Segurou a onda, bloqueou o envolvimento sentimental, permaneceu distante dos apelos românticos. Reprimia qualquer investida amorosa, dizia: — Estou fechada pra balanço...

A arte na academia trouxe alento, passou a pintar quadros, desenvolveu uma plasticidade com um colorido quente; injetava nas artes plásticas os meandros do encontro da vida com a morte...

Convidada a participar de uma coletiva no Museu de Belas Artes, ganhou notoriedade; a visibilidade referendou a autoestima, entretanto, nada preenchia aquele coração vazio.

O estilo individual, o traço leve, o tema universal, levaram a artista a compor exposições nas galerias mais cobiçadas do planeta; destacou-se como uma das personalidades eminentes da arte contemporânea.

O talento da artista plástica trazia a carga das experiências vividas na Favela do Lixão, traduzia o âmago sofrido do lixo, o cheiro do chorume grudado nas entranhas; uma produção distante do comportamento pequeno burguês dos salões de arte, no entanto original.

Venceu um concurso internacional de vanguarda, conduzir-se-ia num estilo individual singular, respondia às aspirações da época... Pintava uma nova tendência na história da arte. O prêmio constara de passagens de avião, estadia, traslado; além de uma exposição individual no Louvre.

No Aeroporto Internacional Charles de Gaulle, em Paris, a mídia europeia cobria a presença da celebridade na Europa. Janaína, desajeitada, driblava a timidez, na coletiva de imprensa.

A exposição transcorreu dentro do previsto (muita bajulação), recebia os louros da busca da plasticidade no nosso tempo; todavia poucos coçaram o bolso, a crise da pandemia havia afetado o mercado de arte.

Na imensidão do Museu do Louvre, na França — a veia artística de Janaína estufava — a brasileira, encantada, visitava a coleção do museu. Esbarrava nas contradições da sociedade europeia... Reagia perplexa perante a estética fria das linhas precisas do Classicismo grego.

A sensibilidade da professora arrepiou com a genialidade do quadro: Gioconda, de Leonardo da Vinci, dependurado nas dependências do Louvre.

Visitou Roma, compareceu ao Museu do Vaticano, estalou a face com a Capela Cistina, deslumbrou-se com a delicadeza de Michelangelo; contudo questionou a luxúria — o tropeço da filosofia cristã — presenciando o cristianismo ludibriado nos muros do Estado católico.

Ainda na Itália, viu Verona, adentrou na Casa de Julieta (alusão fictícia à “Romeu e Julieta”, romance de William Shakespeare). Tocou o seio direito da estátua de Julieta, no jardim; segundo a lenda garantiria sorte no amor. Suspirou fundo, recogitava o passado, colou no paredão da casa, espremido na imensidão das mensagens

apaixonadas, um bilhete sem endereço.

Em Nápoles, no sul da Itália, atravessou de lancha rumo à ilha de Capri: viajou de teleférico ao topo da ilha, visualizando a delicadeza da natureza, no contorno escultural das pedras do litoral.

No bojo do passeio, causou surpresa o sítio arqueológico da cidade de Pompeia — perto da costa no Golfo de Nápoles — com suas múmias vulcânicas, consequência da erupção do vulcão Vesúvio.

O intercâmbio apresentou-lhe Florença, o berço do Renascimento artístico; ficou deslumbrada com a biografia de Leonardo Da Vinci, imortalizado como mestre, no século XVI.

A ausência de amor, em Veneza, cercou o coração de Janaína, no passeio solitário de gôndola, nos canais da cidade de São Marcos...

Aproveitou a estadia, degustou uma boa massa, resistiu ao preconceito italiano com o povo brasileiro. Encerrou os compromissos, transitou os pertences na esteira do embarque, apresentou o passaporte, ingressou na aeronave. Sentou na cadeira do meio, no jato, viajando apertada para o Brasil.

Saiu, sorrateiramente, do voo, no Galeão, respirou a brisa da Baía de Guanabara, aterrizou o emocional... Trazia na bagagem, em meio às malas, as obras de arte, os conselhos dos mestres, a palpitação da criatividade.

Tropeçou nos degraus, na descida do avião... Precipitando-se, desengonçada, escada a baixo, quebrando a cabeça, contraindo traumatismo craniano; mesmo socorrida, chegou morta ao hospital, deixou o legado da vida, para ingressar na imortalidade através da arte...





POR IDICAMPOS

SOBROU A GLICOSE

O BNH (Banco Nacional de Habitação) produziu na rua Otávio Tarquínio, durante a ditadura militar, um conjunto de apartamentos — tipo construção popular — arquitetados em blocos, apelidado, carinhosamente, por Pombal.

Lá nos cômodos apertadinhos, a vida transcorre a mercê do acaso, condicionada às crises financeiras; situação as quais os casais entram em conflito, colocando em risco a estrutura conservadora da família iguaçuana.

Numa dessas oscilações da economia brasileira, o casal do bloco tal: moradores do 207, expunham as contradições do casamento:

— Vai você...

— Aqui, tu que estás acostumado!

— Quero vê-lo vestido de madeira!

— Não te desejo a morte, porque o inferno fechou as portas, alegando lotação esgotada!

O prédio, no final do condomínio, trouxe para janela as fofoqueiras... O barraco estava armado. Anita havia descoberto a traição do marido, flagrado na companhia do borracheiro, no Motel Medieval.

Tratava-se do Zé Borracha, xerife do Caioaba, chefe da milícia do bairro — macho pra chuchu — matador de aluguel; proprietário do comércio de pneus, instalado às margens do Rio Botas.

A triste coincidência aconteceu, quando a vizinha do 204 traía o marido, à tardinha, no mesmo estabelecimento. A amiga testemunhou os amantes, cerelepes, com os cabelos molhados, abraçados, saindo do hotel. O borracheiro escondia o lado feminino atrás do bigode; já o marido da dona nunca dava pinta, mas os dois trocavam as línguas numa despedida frenética.

Nova Iguaçu, inteira, tremeu com a repercussão do caso, a separação foi inevitável. O marido deixou a residência pra ela, indo morar nos fundos da Borracharia, em comunhão estável.

Anita, a concubina do gilete, definhou, parecia um palito, sem apetite. Sobrou a falta de glicose, afinal havia acabado a doçura, a vida era amarga. Ficou pálida, quase desmaiou, o organismo carecia de doce. Minimizou a carência com o chocolate, pé de

moleque, cocada, bala de tangerina, etc. Em pouco tempo ganhou espaço no mundo, engordou cem quilos.

Deprimida, cedia à chantagem do açúcar, ganhava peso feito um elefante, quebrava até a mobília; acabou tendo de adaptar o apartamento às suas necessidades mórbidas.

Enfrentou a obesidade com sexo, rebojava mais do que passista no desfile de escola de samba. Namorou o sujeito do térreo, saiu com o barbudo de frente, assediou o magrelo detrás; só nunca pegou a lagartixa, pois ela subiu na parede.

O buraco era mais embaixo, o vazio existencial enchia o âmago da criatura. A situação atenuou (inesperadamente) na aproximação amorosa da vizinha delatora, a qual lhe dedicou carinho e atenção. Iniciando um romance monogâmico, fincado em novas descobertas...

Adileia, a vizinha cacoete, enganava o marido, no motel Medieval, periodicamente, com um afeto insignificante, fazia pra se vingar do carma de conviver com a besta do esposo; no entanto, a paixão por Anita, invadia o peito, constituía uma forte atração... Venceria qualquer barreira por aquele sentimento.

Anita continuava triste, uma rosa murcha num jardim de pedra, ganhava com isso bastante peso; encontrava nas guloseimas um conforto pra sua frustração... Logo foi diagnosticada com diabetes.

Adileia, incansável, correu atrás, conquistando o direito à operação de redução de estômago, no SUS, para a companheira. Feito o procedimento, efetuada as plásticas reparadoras, a mulher transmutou numa deusa da beleza!

A primeira providência de Anita, agora gostosa, foi arrumar um garotão, dando desprezo à Adileia. Dispensava a gratidão, o colo da vizinha, de cara encerrou a relação com a amada.

O relógio disparou os ponteiros, o tempo correu, o jovem rapaz cansou da velha Anita, arrumou outra; largou a ingrata nos braços do desespero, de novo. Anita, descontrolada, vendeu o apartamento, gastou todo o dinheiro comprando o prazer dos cafajestes.

Já na rua da amargura recorreu ao antigo relacionamento, procurou Carlão, o marido traidor; sendo acolhida na Borracharia, sujeita a um triângulo amoroso entre ela, ele e o borracheiro.

Os três viviam em harmonia, entretanto, na semana passada, na última chuva, o Rio Botas transbordou; inundou a borracharia, deslizando toda forma de amor nas correntezas da enchente, perderam tudo, inclusive a vida.





POR IDICAMPOS

O PROFETA

As bombas estouravam, trazendo a morte, livrando do sofrimento os soldados da frente de batalha; cujo a mais valia era a vida, pois o interesse econômico de braços dados com o egoísmo promovia a catástrofe humana, na segunda guerra mundial.

O cara de Jaceruba estava lá, matando quem não tinha nem xingado a mãe dele, defendendo a morte, sonhando com a paz... Retornou do conflito amputado do braço esquerdo, alvejado por uma rajada de metralhadora; órfão dos pais, sozinho num mundo de muito ódio e de pouco amor.

De volta, sobrou o relento, o esquecimento; deprimido entrou mata dentro, foi viver na Serra de Tinguá. Isolado, buscou na floresta o sustento, convivendo em harmonia com a fauna nativa, numa instalação improvisada.

Os dias voaram — recluso — viabilizou, no contato com a natureza, o conhecimento dos poderes curativos das plantas; passando a aliviar as dores dos populares no entorno da serra.

Curava as enfermidades com a leitura, sensível, da flora da região... As plantas revelavam os seus segredos ao atento observador da arquitetura do universo... Sentia a emoção daqueles seres enterrados no chão, aprendia a ouvir a natureza, vivenciava a vida vegetal.

Começou, didaticamente, aliviando pequenas moléstias; com o amadurecimento da técnica revelou-se um mestre no assunto, o Senhor de Tinguá! Capaz de curar até patologias mais complexas.

Acordava absorto no ar puro, enchia os pulmões, controlava o aparelho respiratório. Por intuição desenvolvia a fisioterapia respiratória, através do uso correto das vias aéreas; apoiado nestas experiências pessoais passou a controlar a asma dos enfermos, a bronquite, as alergias, etc. Assistia a quem lhe solicitasse.

Atendia aos necessitados, na sombra das árvores, trocando conhecimento por doação... Fazia fila, as pessoas estimavam o velho sábio, adquiriu visibilidade, transformou-se num mito!

A natureza cedia seus mistérios ao curandeiro, revelava a terra como veículo de

cura às maledicências das doenças. Tinha as espécies nativas tipo ferramentas, formulava os extratos milagrosos, sanava os distúrbios do organismo.

O Rio Tinguá acaricia a serra com suas águas, abençoando a filantropia, abastecendo a população, gozando do privilégio da preservação, mantida pela Reserva Biológica Federal do Tinguá, com 26 mil hectares de extensão.

O Senhor de Tinguá, como ficou conhecido, era ovacionado nas comunidades próximas. Sob os desígnios do meio ambiente, inter-relacionava-se com a água; usava-a feito lenimento nas patologias, nos tratamentos.

Com o fogo, trazia a luz aos desamparados, sempre atento à preservação da Serra de Tinguá! Usava as chamas na cauterização das feridas, oferecia alento aos dependentes da saúde pública.

Aliado ao magnetismo da área, o Senhor de Tinguá encontrava na região a paz perdida na guerra... Acreditava na consciência ecológica, investia na evolução espiritual dos moradores de Nova Iguaçu, donde estava a maior parte do território da reserva.

A fama dele desceu a serra, ganhou notoriedade, estampou na primeira página do Jornal Correio da Lavoura! A edição saiu, apimentada, em defesa da medicina popular. O talentoso jornalista escrevia a manchete: CURA NA SERRA DO TINGUÁ!

Em paralelo à história de Tinguá acontecia o suicídio de Getúlio — os anos dourados— a crise econômica do pós-guerra; a década de cinquenta dançava a música oriunda dos negros, criada nos Estados Unidos, o Rock.

Estavam todos juntos, porém separados, viviam a guerra fria, a histeria bélica das grandes potências, a fragilidade da paz; a exploração do homem pelo próprio homem.

Triste de um lado, curioso do outro, o prefeito do município de Nova Iguaçu solicitou a presença de Sinhozinho; no gabinete particular, de manhã, na terça-feira, na entrada da semana.

O Senhor de Tinguá, alerta, recebia a mensagem, chegando ao encontro, pontualmente. Recebido com um sorriso, sentou na cadeira ao lado da autoridade. O chefe do executivo esvaiu em lamúrias, relatou uma disfunção erétil... Comentou ter sido

submetido a vários tratamentos, entretanto continuava brocha e após a leitura do Jornal via uma luz no fim do túnel.

O mestre pôs a mão na massa, escolheu as ervas, colocou no caldeirão, mexeu, misturou, formulou a química... Exercia a medicina popular, o extrato ficara pronto, entregou pessoalmente na mão do paciente ilustre.

O cliente ficou tinindo, novinho em folha, reatou até o relacionamento desgastado... Aí, contente com o resultado, nomeou o Senhor de Tinguá a secretário de saúde da prefeitura.

O Senhor de Tinguá, empossado chefe da saúde, quebrou a patente de remédios, multiplicou o tratamento fitoterápico, transformou a realidade sanitária da cidade. A audácia do homem da guerra contrariou a indústria farmacêutica, o comércio de medicamentos, a máfia das clínicas particulares, os carneiros do sofrimento.

Em prazo curto, contraiu incontáveis inimigos, despertou a inveja, sofreu a calúnia das fofocas, o disse me disse; sendo acusado, sem provas, nem testemunhas, por corrupção. O prefeito, conciliador, escravo do poder, abandonou o aliado à própria sorte.

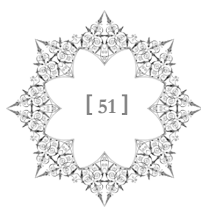
Diante da repercussão dos maus entendidos, pediu demissão do cargo, resguardou-se na Serra de Tinguá; dando continuidade ao trabalho alternativo. As perseguições aumentaram, sendo denunciado por charlatanismo.

A justiça, a serviço do capital, condenou o sacerdote: encarcerou-o, contudo nunca acabaria com a reputação do Senhor de Tinguá!

Cumpriu a pena, retomou o trabalho de saúde pública, construiu uma tenda na Serra de Tinguá, um hospital de campanha. Assumia a via do bom coração...

Noutro dia, quando labutava a dor alheia, levou uma porrada com uma pá, operada por um jagunço da indústria química. Rodopiou ribanceira a baixo, caiu morto. O assassino cortou o Senhor em pedacinhos e jogou no rio.

Hoje, já dobrou o século XXI, no entanto os nativos continuam mergulhando no rio Tinguá, no dia da morte do santo, acreditam lavar a alma dos pecados do mundo...





POR IDICAMPOS

DESLIZE OU VERTIGEM?

Se por descuido, ou excesso de bebida — até hoje — ninguém sabe a verdadeira face dos fatos... De concreto ficou a ocupação com a vida alheia...

A observação, contundente, ficava a cargo do espelho, no banheiro, delatando os cabelos grisalhos do motorista. O rosto enrugado registrava a chegada, desajeitada, dos cinquenta anos. A vida passava na testa do sujeito, de efetivo só a solidão; parecia um veículo desgovernado, ausente de direção... O comentário encerrava a descrição do cara.

O ofício de motorista de aplicativo jogava todas as esperanças na estrada, num momento após o outro, vivendo igual porco, trabalhando pra comer. Esperando a batalha acabar, torcendo por um colo; desesperado a procura de afetividade, carinho, beijo na boca, um tantinho de humanidade.

O vendedor de latão de cerveja, da entrada da estação, analisava o piloto compulsivo, porque todas as noites, contava com o consumidor. Ele sentava num banquinho de plástico, fazia a crônica da cidade: ria, chorava e esvaziava o isopor do homem.

De vez enquanto, as coisas ficavam turvas, os olhos embaçavam; aí, quem sofria era a realidade, pois a imagem distorcia... Pagava a conta, saía de mansinho, perdia o plumo... A vertigem parecia trapaça da vida, prejudicava o controle motor, vinha de carona com a amnésia alcoólica, não lembrava nada.

Morava só, próximo à estação do trem, em Morro Agudo; vira e mexe, amanhecia, no lar, com uma mocreia, no entanto, jurava ter seduzido uma bela fêmea, na madrugada anterior. Embaraçava os detalhes do romance, esquecia o nome da mulher, trocava as estações, debochava da própria memória.

O desastrado voltava, sempre, aos cuidados do comerciante, garantia, no sereno da calçada, a cota etílica; derramava as suas mágoas na paciência do camelô: as carências, os desalentos, a falta de autocontrole. Confessava as maledicências da bebida.

Relatava, num desses bate papos, ao ouvido do amigo, um fato intrigante. Narrava a madrugada de sexta pra sábado, com sorriso envergonhado: abria o peito, revelava uma paixão repentina, fruto da vertigem.

Conta o piloto de carro de aluguel, ter apanhado uma passageira linda, tipo avião supersônico, gata de perder o fôlego, na Central do Brasil. Numa corrida para Caxias, precisamente, pra Favela do Lixão.

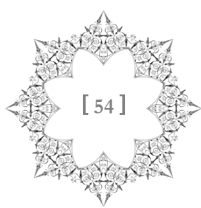
O velocímetro testemunhava o barulho do motor, as batidas aflitas do coração do motorista, em compasso com as cruzadas de pernas da tentação... Mandou aquela cantada, sugeriu uma cerveja. A figura, simpática, aceitou, foram parar numa barraca na favela, acomodaram-se na mesa, tomaram um porre, embolaram em beijos quentes.

Pagou a conta, levantou, sendo acometido da labirintite; a partir daí, embrenhou nos acontecimentos, ingressou nos aposentos da conquista, entregou a alma ao acaso...

Acordou, no dia seguinte, coçando o saco do travesti; escapuliu da cama, deu linha na pipa, abandonou a cena de amor, colocando a culpa na vertigem...

Depois da confissão, com medo de si mesmo, parou de beber, procurou refúgio na religião.

O vendedor de cerveja ficou sem o freguês, encucou na dúvida: seria deslize ou vertigem?





POR IDICAMPOS

AS ASAS DA IMAGINAÇÃO

As fronteiras da mente tropeçam na realidade... A liberdade é fruto da imaginação, porque há a regra, uma linha de comportamento; o raciocínio está encarcerado nos limites da cultura...

Voar, subir, não ter pra onde ir, nem resistir, sair pra se divertir, chutar o balde, correr na inversão da direção, existir e ter a coragem de desistir...

O contexto deságua no anti-herói, em Ítalo, o propagador da revolução dos costumes, apoiado na liberdade de expressão; cuja ideia reside numa sociedade alternativa, sem classes, nem autoridade constituída.

Ítalo, um anarquista convicto, vivia no morro Beira Mar, em Duque de Caxias, onde compôs o viés autogestionário. Embarcou na consciência política no colégio, questionando tudo, até o uso obrigatório do uniforme escolar.

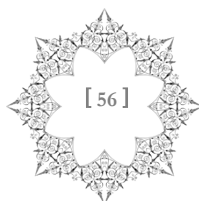
Achava a gíria uma evolução da língua, não se submetia à autoridade nenhuma; enxergava a história pelo lado do oprimido. Na escola reclamava do roubo da merenda, dos desvios das verbas na educação, da qualidade do ensino, etc.

Encabeçou um movimento contra a ignorância, com os estudantes de Duque de Caxias, negando o primeiro ministro da educação que não falava português; repudiando o segundo ministro por escrever errado; opondo resistência ao terceiro ministro, era um falsificador. Como se não bastasse, o último era ladrão!

O MEC recusou disponibilizar internet para os alunos, em protesto tirou a roupa, mostrou as vergonhas, desfilou nu no Calçadão de Caxias... Não deu outra, baixou delegacia, indo a julgamento por atentado ao pudor! O juiz condenou o revolucionário à prisão domiciliar.

Ítalo privado da liberdade de ir e vir, guardado no lar, num verdadeiro labirinto, pirou na batatinha... Pediu aos comparsas penas de urubu rei, mais visgo de jaca; colocou nos braços, tornou-se um pássaro... Subiu no telhado, escancarou as asas, pelado, saiu voando...

Na altura dos acontecimentos, já próximo do Sol, o visgo derreteu... Ítalo se fodeu, despencou das nuvens, caiu de cabeça na baía de Guanabara. Vindo a órbita com um cagalhão na boca, vitimado pela poluição do mar.





POR IDICAMPOS

A GEOGRAFIA DO PLANETA

E escolheu tirar o final de semana pra descansar, mas a família tinha outros planos, programara encher a barrica, no rodízio de pizza, no Shopping. Vencido pela democracia da maioria retirou o possante da garagem, deixou no retrovisor a Praça de Areia Branca, vazia, repleta de bancos de concreto.

Na altura do caminho, entre o início e o fim da viagem, a família foi fechada por um sedam, com uns quatro caras problemáticos dentro. O pai, ao volante, continuou na pista, porém a viagem terminou metros à frente, com a truculência dos sujeitos do automóvel de quatro portas.

Chegaram de arma em punho, obrigando os passageiros a desocuparem o veículo. Um dos ladrões, encapuçados, deu três tapinhas nas costas do professor de geografia, forjando uma intimidade estranha...

Após o assalto, refugiaram-se no posto de gasolina, repletos de medo, na beira da Dutra, sem um puto no bolso; a carteira ficara no painel, com todos os documentos, inclusive o do carro.

A família resolveu andar até a residência, em Areia Branca. Em casa, reuniram a papelada, registraram queixa na Delegacia de Polícia Civil: roubo de automóvel nas mediações do posto 13, ponto final. O detetive encerrou a redação.

A Brasília vermelha, 1980, motor 1600 — sem seguro — era parte do lar; levava os noivos ao altar, acompanhara o nascimento da filha única do casal, transportava o grupo pra passear, representava a mobilidade do clã. Estava naquele endereço, fazia muito tempo...

O sentimento de perda trouxe tristeza, entretanto, a vida continua... O professor leciona as aulas, a adolescente vai ao Funk, a mãe permanece advogando, o cachorro manteve o hábito de cagar na sala. Tudo corria normalmente...

Passaram uns quinze dias, o Sol rachava o asfalto, as coisas aumentavam de preço, o povo cada vez mais pobre, os políticos sempre roubando; a sociedade sujeita ao lugar comum. Ninguém aguardava nenhuma novidade, quanto mais dar de cara com a Brasília vermelha, estacionada, no portão da vila!

A exclamação do sábado vinha com a chave na ignição, surpreendendo os atores do episódio. Rapidinho, coisa de carioca, os sortudos organizaram uma festa de pobre, regada a cerveja barata e salgadinho de farinha de trigo.

O educador acreditava no bom coração, defendia a evolução da humanidade, com unhas e dentes... Ele bradava — em voz alta — ter sido retratação; os marginais assimilaram a consciência de classe, o amor ao próximo!

Verificaram o interior da Brasília, até os livros, caríssimos, permaneciam intactos, um verdadeiro milagre! Agora, um choque eletrocutou o espírito, na hora da abertura da mala, porque sobre o estepe encontraram um envelope.

Escondida, no papel pardo, repousava uma carta endereçada ao proprietário da Brasília vermelha. Depois de várias considerações, o portador de uma caligrafia horrível — o assaltante — escrevia as experiências dele como aluno do professor de geografia.

O estudante do ensino médio, cooptado pelo crime, possuía uma trajetória de discente, junto ao geógrafo. Confessava, por escrito, cabular as aulas, jogar bolinha de papel no quadro, pichar a escola; sobre tudo, negligenciar os conselhos do mestre...

O energúmeno, bastante cabeça dura, teimava que a Terra era plana, em oposição à ciência. Pensando assim — insistia o meliante — contestava o professor, julgava duvidosa a veracidade do que estava escrito.

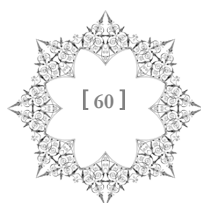
A tese do cabeçudo vinha em letras garrafais na correspondência: qualquer ponto geográfico serviria de observação do conjunto geofísico; a Terra possuía uma face horizontal, portanto vivíamos num planeta plano. O resto correspondia ao autoritarismo científico.

No fundo da embalagem parda havia um presente, três convites do show de Rock, na Arena da Praia, às 21h, naquela sexta-feira. A garota pulou de alegria, o professor preferiu ficar lendo, recolhido no domicílio; contudo o gesto de paz, dos indivíduos, merecia comemoração. A figura paterna cedeu à escolha dos parentes, foi dançar...

Vestiram os trajes da ocasião, foram de ônibus pra balada. O ritmo trazia ares de revolução. O estilo tocava a alma da juventude, a sexta prometia...

No retorno, a história degringolou, a casa estava de pernas para o ar, roubaram até a cueca furadinha, fizeram uma limpa; ainda usaram a Brasília para transportar o furto.

Restou uma mensagem riscada na parede: “Tem razão, professor, estou convencido que a ciência é inquestionável: a Terra é redonda, vou pro Japão, de lá estou a umas 24h daí, no entanto não haverá ângulo pra me ver. Não serei censurado por você”...





POR IDICAMPOS

FILOSOFIA DE BAIANO

Relix Descansado da Paz, caminhoneiro a um tempão, morava na zona sul da comunidade, em frente à Caixa Econômica, onde recebia o dinheiro do serviço, da transportadora. Vez por outra, na fila do caixa, alguém entrava na frente, dissimulava; ria da situação...

Filho legítimo de baianos deixava pra depois de amanhã qualquer problema, evitava conflito, dormia na rede, nunca via futebol, jamais discutia política, não tomava conta da vida dos outros, vivia do deixa disso... Seu eletrocardiograma parecia uma partitura de valsa, calminho, o coração não batia, solfejava...

Frequentador de religião protestante aceitava tudo sem reclamar, mas achava estranho o pastor defender armas, fazer apologia à violência; no entanto, obediente, nunca protestava.

Comprava cerveja no bar, era logrado no troco, percebia mais tarde, resignado, esquivava-se da confusão... No supermercado via na prateleira um preço, pagava remarcado na saída. O relaxado era incapaz de manifestar qualquer contrariedade.

A mulher enfastiada de ver o marido, sempre ludibriado, gritava: — Casei com um banana!

No sábado, brilhava uma lua cheia, chegou tarde do serviço, abriu a geladeira, tirou o lacre da latinha, bebeu a cervejinha geladinha... Ao se deslocar na cozinha escorregou numa casca de banana, espatifou a cara no chão, abriu uma lasca na testa, o sangue jorrou, desmaiou; voltando a si aos poucos...

Adiante, desconstruiu a imagem de bobão, construindo uma personalidade emponderada, a família não entendeu nada... Após o tombo houve uma alteração nas ondas cerebrais do indivíduo, ressurgia um novo homem: incapaz de levar desaforo pra casa, consciente dos direitos do cidadão!

As coisas tomaram novo rumo, acabou o fura fila, fazia questão do troco, no mercado pagava o menor preço. A esposa, orgulhosa do esposo, comentava com as vizinhas, em alto e bom som: — Meu banana virou jiló!

No trabalho, tendo o salário corroído pela inflação, conversou com os

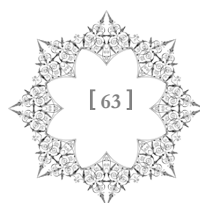
companheiros, apresentou as reivindicações... Tentou acordo com o patrão, todavia encontrou resistência, obrigando-o a radicalizar!

Reuniu a categoria, em assembleia, organizou uma greve; a companhia suspendeu as atividades, o litígio ganhou a cena, a luta de classes instalou-se: capital de um lado, trabalho do outro...

O dissídio coletivo foi julgado, o advogado da empresa correu atrás, o juiz deu o apito final: intimou o movimento operário a retornar à atividade de transporte de carga, imediatamente.

A pressão do baiano subiu, ficou nervoso, brigou, tumultuou o recinto. Empolgado, ansioso, pifou na hora do discurso inflamado, no sindicato; o coração disparou, acabou a corda e parou.

Relex foi sepultado com uma faixa enrolada no caixão, com os seguintes dizeres: “A filosofia baiana despede-se desta vida e sugere relax”.





POR IDICAMPOS

LIDA DE MENINA

O limite da mente consubstanciase na subjetividade, atrelada as dimensões da cabeça, em consonância com o tempo mais o espaço... É desta conversa fiada que se fia a filosofia. Ciência humana especulativa da existência.

O ser é um escravo da cultura, a alegria e a tristeza são condicionamentos duais do comportamento humano. Revelam o inconsciente selvagem do ser humano, um animal fruto do convívio social.

A tentativa de elucidação da narrativa passa pela Grécia antiga, palco da análise da existência, a qual deságua no romantismo de William Shakespeare, na célebre frase: “Ser ou não ser, eis a questão!”

A história será sempre contada por quem escreve, serve à conveniência da classe dominante; ou seja, aos interessados nos descaminhos da sociedade em prol do individualismo.

O ser humano não sabe viver só, ao tentar acaba por fazer para provar tal capacidade. O leitor ficará, perplexo, absorto no olhar confuso da personagem, apresentada ao texto por palavras engatilhadas no idioma.

Distraída nos seus sonhos, no topo do morro, conta as estrelas, o coração adolescido. Imagina sair por aí, por cá, por lá, por todo lugar... A pobreza da comunidade, realidade espacial da menina, está tão distante do classicismo grego.

Ariana, com a barriga vazia, toma Sol na Praia de Ramos, no piscinão a céu aberto; corre os olhos no sanduíche mordido, esquecido pela gorda. Afana a iguaria, parti em retirada...

Os nove irmãos, aguardam com pouca idade — um de cada pai — nem se lembram da cara da mãe; esperam, ansiosos, a solução para o buraco instalado no estômago. Saciam a fome com o resto do lanche da banhista.

O Sol ilumina a todos no Rio de Janeiro, a pobreza vem bronzeada, quando foge da prostituição, lambe as sandálias do patrão. Ariana, argumenta: — Sou pobre, porém limpinha, sofro quietinha...

O supermercado, nas mediações do mar, conduz o recalco turístico da miséria, a família da garota faz ponto no super. Ariana, esperta, ludibria a visão da câmera, esconde 1 kg de arroz no biquíni surrado (próximo à intimidade).

No mesmo cenário temos o cacoete, o olhar habilidoso do segurança, por ironia um morador da favela — inseguro de si — ocupado em garantir o lucro da multinacional, está atento ao furto: — Você aí?

Ciente do flagrante, corre, tropeçando no pé do guarda, precipitando a beijo no asfalto. Com exagero de força, o funcionário maltrata a faminta:

— Ladra! Grita o vizinho que mora próximo da vala.

Recolhida ao depósito de mercadorias, assediada no fechadinho, paga com a carne o fato de ser pobre: sofre violação sexual, obrigada a satisfazer os caprichos dos monstros.

Com requinte de crueldade, somada à maldade do gerente, avessa a qualquer humanidade, acaba na delegacia policial; sujeita a todas as humilhações possíveis, encarcerada sem dó nem piedade.

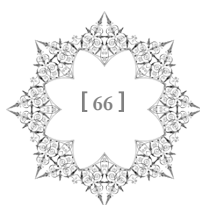
Enquadrada nos crimes de desobediência civil, desacato à autoridade, roubo doloso premeditado na perspectiva do almoço; termina o boletim autuada por alta periculosidade.

Recolhida no quadrado da cadeia, recebe pena longa, baseada no concurso de crimes. Arrasada, desabafa com o carcereiro:

— Só tinha fome!

— Agora, vai comer todo dia. Consola o agente da autoridade.

Isolada na gaiola, já tem o quê evacuar, acomoda-se na latrina, dispõe de um livro cujas folhas lhe são de serventia. Após limpar o reto joga a brochura no canto da cela, o título do exemplar denuncia a tragédia: “Diálogos de Platão”.





POR IDICAMPOS

O ESPELHO

A história começa, no reflexo do que se espelha, no início; onde antes nada existia, além dos limites da folha de papel. O texto forja um espelho de cristal, propositalmente, no meio da sala, no centro do palco, um local próprio para ensaiar a existência...

Acropildo vivia entre dois mundos: o quê os olhos das pessoas veem e as elucubrações daquela cabeça doida. Tinha uma vida dúbia, por instantes sorria, trocava de parágrafo, vinha com tristeza. Instalara-se uma confusão no universo da mente do sacripanta.

A imagem, sempre preservada, atenta à observação dos pares, estampava coerência, coesão, respeito às leis, sobriedade, justiça social. Um blá, blá, blá... encrustado no discurso da tradição, família e propriedade.

Na sombra da sociedade, no espelho da sala, encarnava uma fogueira — era o sétimo filho de uma família de monstros — destinado à maldade, ocultava da poça d'água a verdadeira face refletida, escondia dentro da cachola uma alma lúgubre.

Carregado do DNA da monstruosidade, transfigurava a figura formal à meia noite, pontualmente, numa lua minguante, coisa de dragão tarado de raiva. O jeitinho almofadinha de CDF ganhava chifres, estendia o rabo por dois metros; cobria a superfície da pele, de pelos alaranjados, espumava saliva vermelha no canto da boca, pronunciava dentes enormes; exagerava no figurino assustador.

De posse da aparência macabra, esticava as asas num voo rasante, intimidava, aterrorizava, investia no lado tenebroso do ser, incendiava tudo. Sentia-se predestinado às profundezas do próprio inferno interior, capaz de qualquer coisa para ver o pânico nos olhos das vítimas.

A primeira metamorfose ocorreu aos sete anos — ficou encabulado com tanta feiura — desta feita a manifestação contentou-se em incinerar o galinheiro, mastigou as aves assadas, roeu os ossinhos das galinhas com crueldade.

Ano a ano aumentavam as atrocidades, o espelho de cristal, na parede, observava a imagem desconstruída do dragão contemporâneo. Ali a sina bipolar aparecia, desmascarava Acropildo; mesmo com a falsa cobertura de bonzinho, deixava vaziar o íntimo diabólico.

O antagonista vilipendiava os animais domésticos, dava pena ver o gato da tia esturricado, colocado vivo no forno; o cachorro do vizinho envenenado; a calopsita da mãe com a língua amputada.

Os pais, regenerados do carma dos antepassados — afinal eram descendentes das lendas dos dragões medievais — solicitaram ajuda ao sobrenatural, chamaram o vigário para exorcizar o esquisito, o padre deu com os burros n'água, saiu desconjurando; o pastor assumiu, emponderado, com reza forte, o espírito de porco tirou de letra, expulsou o presbita.

Os crédulos de raiz europeia esgotaram a retórica, tentaram as ceitas nativas, veio o xamã, munido da força natural entrou pelo cano, deu linha na pipa... O troço ruim ria dos cavaleiros de Deus.

Acropildo, o monstro atual, permanecia imutável, bastante troglodita. A cada lua minguante, o carvão jorrava nas matas, as florestas padeciam em cinzas; secava a agricultura, o gado morria de sede.

O Dragão Acropildo sobrevoava o agronegócio, pulverizava combustível, riscava o fósforo. As árvores tremiam feito vara verde, mediante a presença do maçarico nos céus da plantação.

O resultado da ação do bicho babão, nas notícias digitais, apavoravam as telas dos celulares. As redes sócias revelavam, com requinte de matéria jornalística sensacionalista, a constatação de que nada valia pena para resgatar o ser humano.

As perversidades do cospe fogo, desembocavam na periferia, no interior do país. O destruidor aproveitava da ignorância do homem do campo, da ausência do estado nas comunidades rurais. Ele, por si só. residia na metrópole, mas agia na roça, nos bolsões da cultura caipira.

Chegava nas fazendas, destonando da maioria, vestido à moda carola, todo engomadinho; alargava o nó da gravata, enchia a cara na primeira barraquinha. Ademais o bicho pegava, mudava de aparência: customizava o dragão. Retirava do porta-malas do carro um galão de querosene, ávido de perversidade. Estasiava de prazer com o genocídio dos animais na vegetação

Acropildo, então adulto — convivendo com dois personagens na cabeça — recorreu à psicologia, deitou no sofá do doutor da mente; abriu as profundezas da caverna mental ao especialista. O psicólogo, homem estudado, estressou as pestanas para concluir a análise da patologia. Acrescentou, em tese, constituir fenômeno raro, consequência de obscuridade no subconsciente.

Quanto à transfiguração do indivíduo em monstro, os consultados mudaram de capítulo, sugeriram uma conclusão apurada por parte da ciência. Enquanto isso, as loucuras de Acropildo rolaram ladeira abaixo, deram fantasia à imaginação... Aconteciam as crises, nas luas minguantes, mês a mês, justificando o calendário lunar.

Os crimes ambientais ganhavam a atenção da mídia, eram milhares de hectares cremados nas madrugadas de lua minguante. Aproveitava da mudança climática, da terra desidratada, para passar fogo no campo. O criminoso tinha um perfil incendiário, um delinquente necrótico, desses que odeiam as criaturas da natureza.

Acropildo sabia da enfermidade, o espelho denunciava — copiosamente — a retórica das duas caras, todavia o carcará prevaricava; colapisava durante o surto psicótico, incorporava os limites do absurdo, esculachava a fauna e a flora. Agia na compulsão do ódio, largava mão da direção, desembestava o freio humano, acelerava a obscuridade...

Passado o ataque esquizofrênico, esquecia o acontecido, completamente. Mudava de embalagem, renascia o politicamente correto, o religioso aplicado, o cidadão cumpridor dos deveres sociais. Entrava na fita barbeado, enfeitado num penteado vip, terno bem cortado, sapato engraxado, gravata acertada no colarinho; um exímio modelo da classe média brasileira.

Os crimes, mencionados na TV aberta, traziam um ar de selvageria. Os bichinhos haviam sido encontrados torrados, largados ao léu, em brasa; babados em gosma vermelha, a vida agonizava.

A polícia procurava resolver a delinquência, a perícia levantava os detalhes, a papiloscopia estudava o DNA dos defuntos. O boletim policial enfatizava o extermínio do bioma.

Acropildo, introspectivo, continuava solteiro, temia aquilo que desconhecia, precisava dominar o monstro exilado no inconsciente, antes de dividir a trajetória com alguém. Queria ser comum, voltar à condição de gente, expurgar as emoções maquiavélicas do coração, ter um pouco de paz.

Aflito, vislumbrou o ocultismo, mergulhou nas nuances da magia: enveredou no jogo de búzios, no tarô, na quiromancia, etc. Detectou uma luz na saída da caverna, conheceu a meditação, descobriu, vagando entre as orelhas, a causa da maluquice. A doença crescera na infância, quando presenciava os socos do pai na mainha; o trauma desembocara na adolescência e trazia, ao nosso tempo, um adulto doente.

Segundo os místicos, o sujeito estava carente de amor. Aconselharam namoro, caridade, pertencimento; uma sequência de sentimentos, os quais seriam capazes de vencer os males da falta de gratidão com o milagre da vida.

Assumiu a luta contra a outra face, trancafiava-se no quarto, no apartamento, número: 13, na Rua dos Aflitos, nas noites de quarto minguante. No decorrer daqueles sete dias, saía junto com o sol, trabalhava de dia na livraria da família, voltava à noite; fechava a porta, sumia com a chave, driblava a maldição.

Terminava a performance de dragão medieval ao amanhecer. O piso ficava repleto de pelos, as portas riscadas por unhas; 30 metros quadrados encharcados de gosma, um caos. A família apoiava a batalha psicológica, confiava na reconstrução do caráter, pois o pai mudara da água para o vinho. Aquela linhagem defendia que o homem nasce bom, é a sociedade que o corrompe.

A roda do tempo girou, Acropildo enfrentou com o peito aberto a esquisitice, lotado de amor, com a unicidade natural do filho de Deus; venceu a própria criação mental, armou-se pra guerra entre o bem e o mal.

Embragado de si, já no fundo do cristal, na curva do espelho da sala, revisitou o monstro ainda desenhado. Encarou a assombração no abismo do subconsciente, agarrou o dragão pelo pescoço, degolou o seu imaginário infernal. Sacudiu a poeira, retornou à realidade com a força de um super-homem. Prestou concurso para o corpo de bombeiros, passou, agora, apaga fogo.



SOBRE O AUTOR:

Idimarcos Ribeiro Campos, Idicampos, professor de português literatura, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: "Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta". Escreveu dois livros de poesia: "Bilhete aos amigos" e "Queima de estoque"; assim com um de contos: "Ironia do destino".

